

# MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA  
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: "Ciências do Zika"  
Episódio #5: "Fome de pesquisador"

Transcrição do episódio: Joana Cabral  
Revisão da transcrição: Irene do Planalto Chemin e Soraya Fleischer

## Legenda

Efeitos sonoros

Blocos

## ABERTURA

[Música tema: "Suporto Perder", de Flaira Ferro e Igor de Carvalho. O instrumental cresce aos poucos, iniciando com uma base de teclado em melodia rápida e repetitiva, bateria marcada e logo vem a guitarra com melodia lenta e marcada, grave. Ao fundo da melodia ouve-se sons como gritos de guerra e canto de pássaro. As diversas informações sonoras trazem sensação de suspense e alerta]

Irene: "Ciências do Zika", uma série do podcast Mundaréu. Aqui, a partir de um ouvido antropológico, a gente vai conversar sobre a epidemia do vírus Zika com cientistas que se dedicaram a estudar esse vírus em Pernambuco. Esse é o episódio 5, "Fome de pesquisador".

[A harmonia da música é preenchida pelo maracatu rural, com caixas e agbês. A melodia da guitarra ganha corpo. Vozes cantam o refrão da música]

*É chegado o tempo da inocência partir*

*Vida pede cimento, vou fincar minha raiz*

*Não me perder no vento da emoção do aprendiz*

*É chegado o tempo de ampliar a ciência*

*Sobre o que é ser feliz*

*(É chegado o tempo de ampliar a ciência sobre o que é ser feliz)*

Irene: Eu sou a Irene do Planalto e nesse episódio recebemos a Isadora Valle, ela faz parte do grupo de pesquisa das Ciências do Zika. Bem vinda, Isadora!

**Isadora:** Saudações, Irene! Pra você e pra quem tá escutando a gente. Fazendo uma breve apresentação: eu me chamo Isadora, tenho 25 anos e sou graduanda em Ciências Sociais na Universidade de Brasília. Faço iniciação científica desde o início de 2022 num projeto de pesquisa de antropólogas aqui da UnB sobre Zika vírus. E foi estudando esse assunto que eu cheguei no tema que vou compartilhar com vocês aqui hoje: a publicação científica.

**Irene:** Legal, Isa! Conta pra gente então, por que esse tema despertou sua curiosidade?

### **BLOCO 1 - Fome de pesquisador**

**Isadora:** Bom, Ire, é o seguinte. No ano passado eu tava lendo uma das entrevistas feitas pela nossa equipe em 2018 e eu dei de cara com uma expressão que despertou um negócio diferente em mim. Essa expressão era “fome de pesquisador”.

**Irene:** E pesquisador tem fome de quê?

**Isadora:** Vamos entender um pouquinho com a Carine Wiesiolek, que foi entrevistada em 2018 pela Soraya Fleischer, que, inclusive, coordena o nosso projeto na UnB, e pela Aissa Simas. A Carine é uma professora de Fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco que atendeu e pesquisou com as crianças afetadas pela SCVZ. Ela nos mostra uma face do que podemos entender como “fome de pesquisador”:

**Carine Wiesiolek:** Acho que vocês da antropologia podem dizer/alcançar muito mais, o que é isso. O que é essa fome do pesquisador que ele precisa estar nas revistas. Ele precisa ser, as revistas de grande impacto, e, o que é pior do Zika é isso, em cima de uma classe que é totalmente desfavorecida. A mãe não tem uma condição de entendimento das coisas, ela sofre com o dia a dia do filho. E, por outro lado, ela alimentou pesquisas que tão no topo que nunca vão chegar pra ela, né? Mas a mãe quer saber pra que aquilo serviu pra ela. Aquilo adiantou de que? Então, elas alimentaram pesquisas de revistas super, de super fator de impacto, que pra elas isso não deu. Por isso que hoje ela não quer, então se você fala com a mãe de Zika hoje de pesquisa... A gente tem uma aceitabilidade por alguns serviços, mas quando você fica na mãe, a mãe diz: “pesquisa eu não respondo mais”. Então é muito injusto e a gente começa a entender porque que a mãe não gosta desse termo. Porque ela assiste o jornal, ela vê que o Zika agora tem isso e isso, agora no Zika se achou que também dados da medula espinhal. Sim, isso é o quê que meu filho foi lá fazer?

**Isadora:** Várias pessoas que a gente entrevistou falaram sobre como a epidemia de Zika virou os holofotes pra região do Nordeste e pra um dos epicentros da emergência, que foi em Recife. A mídia, o governo, a OMS e o Ministério da Saúde aqui do Brasil, a sociedade de forma geral, todos esses atores sociais tavam com as atenções voltadas pra aquele acontecimento completamente novo. E com os pesquisadores da área da saúde não foi muito diferente! E aí que vem a expressão “fome de pesquisador”.

**Irene:** Uhum.

**Isadora:** Na fala da Carine, essa expressão remete à uma necessidade que os cientistas tinham de fazer pesquisa para entender o fenômeno desconhecido e depois de publicarem seus resultados em revistas de grande impacto. Mas essa é uma expressão que também significa, por exemplo, formar redes de pesquisadores ou contribuir com um melhor atendimento dos pacientes afetados pelo vírus.

**Irene:** Peraí Isa, como assim “revistas de grande impacto”? Me explica isso.

**Isadora:** Pois é, Ire, as revistas de grande impacto, elas são periódicos acadêmicos de bastante prestígio. Dentre todas as publicações científicas, são aquelas revistas brasileiras e estrangeiras também, de várias áreas de estudo, que mais amplamente desempenham um papel de divulgar um resultado. São as revistas onde todo cientista quer estar. Tem um episódio do podcast “Ciência Suja”,

**Irene:** Ai, eu adoro esse podcast!

**Isadora:** Então, no “Ciência Suja” tem um episódio chamado “O mercado da ciência”. Nele, a Helena Nader, que é uma importante cientista brasileira, fala que a publicação das descobertas científicas é a forma delas serem comunicadas, é a forma delas irem pro mundo. No caso da epidemia de Zika, a interação entre os pesquisadores e as revistas foi impactada por essa “cultura de publicação”, digamos assim. E, pra explicar melhor isso, eu trouxe o Igor Florêncio. Atualmente, ele é médico e foi entrevistado pela Mariana Petruceli e pela Thais Valim em maio de 2022. Mas, lá atrás, na época da emergência de Zika, ele era estudante de Medicina e fazia Iniciação Científica sobre o tema.

**Irene:** A entrevista com o Igor foi gravada numa sala dentro de um hospital, então, vai ter algum ruído de fundo, mas solta aí.

**Isadora:** Vamo escutar junto:

**Igor Florêncio:** Basicamente tudo que é novo atrai muita atenção e todo mundo quer pesquisar aquilo. Então, na época do Zika, todo mundo queria saber o que estava acontecendo, principalmente aqui em Pernambuco, que teve muitos casos no começo. Então, começou na Bahia, depois veio aqui para Pernambuco e a gente teve muitos casos no começo, e aí ficou aquele negócio “o que é que está acontecendo, o que é que está acontecendo?”, até que, na Paraíba, teve uma médica lá que meio que identificou o que podia ser... Lá na placenta e tudo direitinho, aí “opa, será que é isso?”. E aí foi quando veio todo o dinheiro, investimento, enfim. Tudo isso impacta diretamente a questão de pesquisa, porque atrai muita atenção, acaba ganhando incentivo de questão de custo mesmo, de as pessoas aprovarem. A gente notava tanto a questão de andar mais os projetos, de ser mais rápida a aprovação, a aprovação em caráter de urgência, tudo isso.

**Isadora:** Nessa fala do Igor, a gente consegue perceber como que a novidade de uma emergência sanitária muitas vezes acelera a publicação dos resultados. Desde a aprovação do projeto de pesquisa num comitê de ética, por exemplo, até o acesso aos recursos financeiros, a resposta dos pareceristas da revista e tal.

**Igor Florêncio:** Então, basicamente, as publicações interferem diretamente, de acordo com o momento que a gente vive. Em tempos mais comuns, até aceite em revista, dependendo do nível da revista, é mais complicado, elas são muito mais criteriosas com o tema, devolvem o artigo, pedem correção e vê isso “não, não é de interesse no momento”.

**Isadora:** É isso que faz uma revista de alto impacto. É um tipo de revista que tem muito critério pra aprovar, faz muita correção nos trabalhos enviados e tá interessada nos assuntos mais atuais. Na época do surto de Zika, aconteceu um *boom* de pesquisas e também de publicações sobre o tema em Recife, justamente porque tinha um interesse geral por isso.

**Irene:** Interessante, Isa! Mas então, como esse tema tava em alta, teve um monte de pesquisador que foi estudar e publicar sobre a epidemia de Zika e sobre as crianças com a síndrome, foi isso?

**Isadora:** Pois é, eu queria chegar nesse ponto. Nem todos os pesquisadores que a gente entrevistou no nosso projeto tiveram essa facilidade. O cenário tava, sim, facilitado pra que essas publicações acontecessem, mas a gente percebeu que alguns núcleos de pesquisa tiveram mais acesso a financiamento, a equipamentos de pesquisa e ao próprio aceite nas revistas do que outros grupos. Isso acontece porque o mundo da publicação científica é cheio de detalhes, e mesmo numa situação de crise em que existe uma demanda e um interesse muito fortes pra que os resultados sejam produzidos, alguns grupos vão se destacar mais do que outros.

**Irene:** E o que define essa diferença de destaque para esses resultados de pesquisa?

**Isadora:** Nas entrevistas que a gente fez, percebi algumas coisas centrais: primeiro, o **acesso ao material humano**, o que significa que, pra conseguirem fazer seus estudos, os pesquisadores precisavam de amostras do sangue ou da urina das crianças que foram afetadas pelo vírus; ou então do líquido amniótico das gestantes que tinham sido picadas pelo mosquito. Alguns pesquisadores tinham esse acesso mais facilitado, porque eles já atuavam como profissionais de saúde dentro dos serviços de maternidades e de hospitais.

**Irene:** Aham.

**Isadora:** Então, eles tinham contato privilegiado com as mães infectadas e com seus bebês com microcefalia.

**Irene:** Quem tava ali na linha de frente nos atendimentos teve acesso mais fácil pra coletar essas amostras, esses materiais humanos, né? Ah, eu lembrei agora que no episódio 3 desta série, “A pontinha da pontinha do iceberg”, a Laura Coutinho mostrou pra gente essa relação entre pesquisa e atendimento que acontece dentro dos hospitais.

**Isadora:** É, isso aí. E aí, um segundo exemplo são as **parcerias internacionais**. Se a gente leva em consideração que as grandes revistas da área da saúde são revistas estrangeiras, e que a principal língua de escrita e comunicação de resultados é o inglês, os grupos que já tinham redes estabelecidas internacionalmente provavelmente teriam mais facilidade de publicar seus resultados.

[Transição musical: Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]

## BLOCO 2- Desafios para publicar

**Irene:** Tá bom, Isa, acho que a gente tá entendendo aqui que o contato com os pacientes afetados, o acesso ao financiamento e os apoios pra além das fronteiras nacionais foram cruciais. Mas você também pode contar um pouco sobre as dificuldades que os pesquisadores enfrentaram pra publicar?

**Isadora:** Ah, com certeza, Ire. Até porque não foram poucas as histórias desse tipo que a gente escutou.

**Irene:** Ah, é?

**Isadora:** É. A gente percebeu que o fator **tempo** foi muito importante pra publicação sobre Zika. Então, uma pesquisadora contou que teve seu projeto aprovado, mas que o seu grupo precisava importar um equipamento pra conseguir analisar o material biológico coletado. Esse é um processo que tem várias etapas, como fazer orçamento, garantir a assistência técnica no Brasil e encontrar uma empresa de seguro.

**Irene:** Aquelas burocracias, né.

**Isadora:** É. No final, eles até conseguiram o equipamento, mas o trâmite demorou tanto que quando o equipamento finalmente chegou ao Recife, um outro núcleo de pesquisa norte-americano já tinha publicado o que eles queriam publicar. Essa entrevistada desabafou com a gente, ela falou assim, vou citá-la: “O Brasil só investe em pesquisa quando acontece alguma coisa ruim. Se existisse um incentivo constante, a gente não precisaria estar montando a estrutura de última hora”.

**Irene:** Hummm, ela tá querendo dizer que a ciência brasileira é tipo trocar o pneu com o carro andando, né?

**Isadora:** Hahaha, é por aí, Ire.

**Irene:** Esse foi um caso exemplar de uma pesquisa que, como a gente diz, “perdeu o timing”, perdeu o momento certo de fazer a pesquisa e depois nem chegou a conseguir publicar, então, né?

**Isadora:** Exatamente. Quando se tem um assunto completamente novo, todos os pesquisadores da área entram numa disputa pra ver quem consegue pesquisar e publicar os resultados primeiro.

**Irene:** Daí, a ideia de “fome”.

**Isadora:** Isso. Tanto é que, depois que passou essa janela de oportunidade, publicar sobre Zika ficou bem mais difícil, já não era mais uma novidade quente como no início. Outras doenças vieram, outra epidemia chegou, inclusive.

**[Transição musical: Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]**

### **BLOCO 3 - Um caso bem sucedido**

**Mariana Leal:** E a gente começou a avaliar e rapidamente a gente precisava sentar e discutir porque ninguém sabia nada como era. Então a gente tinha umas reuniões assim a noite que entrava a madrugada a dentro. Então juntava um grupo de pessoas que estavam na assistência e a gente estava na preocupação também de fazer artigos né porque a gente sabia que sairia daqui os primeiros trabalhos relatando sobre isso. Então a gente teve muitos encontros em cafés, no Hospital, onde dava, porque todo mundo muito ocupado né. Todas envolvidas praticamente tanto faziam parte de hospital público como faziam de hospital privado, cada um. Quer dizer, ninguém era pesquisador somente né. E aí a gente fazia muito esses encontros e onde a gente discutia sobre os pacientes.

**Irene:** Essa voz é familiar. Essa é a Mariana Leal. Ela já apareceu em outros episódios da nossa série.

**Isadora:** Isso, é ela mesma. E só recapitulando, a Mariana é uma otorrinolaringologista que atende no Hospital Português, como médica do Real Instituto de Otorrino. É também professora da Universidade Federal de Pernambuco e ocupa o cargo de gerente do serviço de otorrino do Hospital Agamenon Magalhães, tudo isso lá em Recife. Esse trecho é de uma entrevista que ela concedeu ao nosso grupo ainda em 2018, e as entrevistadoras foram a Amanda Antunes e a Soraya Fleischer.

**Irene:** Aham.

**Isadora:** Eu quis trazer essa fala porque ela mostra como a epidemia mobilizou parcerias, tanto na coleta de dados quanto na discussão e na escrita dos resultados. O formato das publicações até variava, a gente viu artigos científicos, mas viu também manuais que auxiliam as mães a aprender o manejo do corpo dos bebês afetados pela Síndrome Congênita, a gente viu livros com vários resultados de pesquisa; até documentários e filmes. Vou deixar tudo nas referências do episódio, lá na página do Mundaréu, tá bom?

**Irene:** Tem vários tipos de publicação diferentes, né? Os artigos são os mais “clássicos”, vamos dizer assim, no mundo da ciência, mas tem manuais, tem livros, filmes. E cada formato desses tem uma razão de ser feito, e pode dialogar com públicos diferentes, né? E a gente, agora, tá fazendo um podcast sobre isso!

**Isadora:** Isso, Ire! Toda essa série de publicações foi essencial, porque como a epidemia era algo completamente novo, existiam poucos parâmetros na literatura médica pra tratar as crianças. Outros casos de agravo neurológico e deficiência ajudaram os profissionais a aprender o “caminho das pedras” pra cuidar das crianças de Zika, como a Paralisia Cerebral e a Síndrome de Down. Mas também existiam muitas particularidades da Síndrome Congênita do Vírus Zika que precisaram ser investigadas a fundo pra que fossem entendidas.

**Irene:** Isa, e por acaso tem algum exemplo concreto pra entender melhor isso?

**Isadora:** Tem sim, a Mariana nos relatou que o grupo dela conseguiu publicar na *Morbidity and Mortality Weekly Report* (MMWR), isso é, “Relatório semanal de morbidade e mortalidade”. Essa é uma revista bem prestigiosa do CDC, o Center for Disease Control, que é uma agência norte-americana de saúde bem importante.

**Irene:** É como a nossa ANVISA aqui no Brasil.

**Isadora:** Isso mesmo, Ire. Vamos ouvir sobre os resultados que a Mariana publicou em 2016, quando a epidemia tava com um ano de curso. E lembra que ela tava falando para gente nessa entrevista em 2018, dois anos depois dessa publicação:

**Mariana Leal:** O primeiro foi no MMWR que é uma revista de alto fator de impacto né, e inclusive nessa primeira publicação como foi em agosto de 2016. Então, assim, foi interessante até para mim mesmo como pesquisadora. Eu nunca pensei que publicar em uma revista de tanta visibilidade. Lógico que o pessoal lembra foi a primeira publicação na área de perda auditiva e daí que veio também os convites, fui convidada para a Organização Mundial de Saúde em Genebra para fazer parte do consenso sobre Zika, a OPAS, Organização Panamericana, não só eu, como os outros médicos daqui que participaram disso. Então eu acho que é uma experiência muito importante pra gente né, não só como pesquisador, mas como assistência da gente também poder contribuir para uma coisa que vai para o mundo né. Então, saíram esses consensos, a gente teve oportunidade de participar onde eles diziam muito: “Olhe, não espere dizer só o que vocês publicaram, diga a experiência de vocês”. Porque nem tudo a gente tem tempo de publicar né.

**Isadora:** Além disso, já em 2022, ela foi entrevistada de novo, só que pela Mariana Petruceli e pela Thais Valim. Dessa vez, a Mariana Leal nos contou sobre um resultado junto a um importante órgão de referência mundial para o acompanhamento auditivo de crianças. Aquilo ali foi um marco na carreira dela e ilustra muito bem um desses resultados que “foram para o mundo”.

**Mariana Leal:** Na área da gente, eu me sinto, assim, com certo dever cumprido, porque o que a gente fez aqui, ele serviu de, é, de norte para se criar em algumas perspectivas. Por exemplo, existe um guia mundial de orientação para a triagem neonatal e acompanhamento auditivo de crianças, que é o *Joint Committee on Infant Hearing*, então, o maior órgão mundial. Então, eles tinham uma publicação em 2007. Em 2019,

eles atualizaram, incluíram o Zika como fator de risco para perda auditiva. Citaram vários trabalhos nossos como referência para a tomada daquela decisão. Então assim, a gente fica muito satisfeito. Então, é aquela coisa...

**Irene:** Uau, que incrível, Isadora! Então a gente consegue perceber como a publicação científica é algo que vai muito além do mundo da ciência, né? A publicação é algo que tem a capacidade de afetar a vida das pessoas de uma maneira muito concreta.

**Isadora:** Concordo totalmente, Ire! E isso é algo que eu queria destacar aqui: a publicação tem uma dimensão muito ampla. Pra crianças serem melhor atendidas, cuidadas, acompanhadas. Pra que políticas públicas mais respeitadas sejam formuladas, pra que a humanidade tenha um conhecimento cada vez mais fundamentado sobre como enfrentar uma emergência de saúde. A pesquisa e a publicação sempre podem ajudar, desde que sejam feitas de maneira ética, responsável e preocupada em dar retorno pro sujeitos pesquisados, aqueles sem os quais a engrenagem da ciência não roda.

**Irene:** Muito legal, Isa. E eu fico curiosa, as mães, as famílias dessas crianças, elas receberam esses retornos?

**Isadora:** Bom, Ire, essa é toda uma outra discussão importante. Alguns retornos foram dados, sim. Mas eu te digo que muito foi publicado no exterior, em inglês e com acesso fechado. Quer dizer, tem que pagar para ter o artigo. As famílias reclamam bastante desta falta de retorno e acho que, no episódio da Thais, esse foi até um ponto que vocês discutiram, não foi?

**Irene:** Foi sim, lá no primeiro episódio dessa série “Criança não é adulto pequeno”, né? Pois é, fica a dica para a gente escrever também em português, né galera, em linguagem cotidiana para que todo mundo possa ler e entender. Porque, afinal, a epidemia aconteceu **aqui**, as crianças deram o sangue, literalmente, para que essa toda ciência pudesse ser produzida, então é super importante que elas sejam informadas dos resultados também.

**Isadora:** Aham.

**Irene:** Olha, Isadora, valeu pela sua presença aqui hoje, foi muito proveitoso pra entender um pouquinho mais sobre esse mundo da publicação científica.

**Isadora:** Agradeço também, Ire. É essencial que a gente tenha esses espaços pra conversar mais abertamente sobre ciência, afinal de contas, esse é um assunto que diz respeito a todas nós. E a Antropologia também tem muito o que dizer sobre tudo isso.

**Irene:** Os currículos da Carine Wiesiolek, do Igor Florêncio e da Mariana Leal podem ser encontrados na página do Mundaréu, anota aí: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/> Nossa série é financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal e a música tema é “Suporto Perder”, da cantora pernambucana Flaira Ferro e do Igor de Carvalho, e também com a voz do Chico César. Você pode ver todo o expediente de produção na descrição desse episódio.

O Mundaréu é uma parceria entre a UnB e a Unicamp. Na Unicamp, ele é acolhido pelo LABJOR, o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo. Lá no LABJOR, tem um outro podcast super legal também, o “Oxigênio”, coordenado pela Professora Simone Pallone e produzido por alunos dos cursos de Especialização em Jornalismo Científico e Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Labjor, por bolsistas do Serviço de Apoio ao Estudante e por amigos e amigas sem vínculo com a Unicamp. E o Oxigênio trabalha em parceria com a Secretaria Executiva de Comunicação. Hoje, eu quero indicar o episódio 167, “Ciência estampada no peito”, sobre a onda das camisetas com mensagens sobre ciência. Escuta lá: <https://www.oxigenio.comciencia.br/>. Tem tudo a ver com a nossa série.

É isso, até mais! A gente se ouve no nosso próximo episódio da série, “Ciências do Zika”.